

**AS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS
DE PREFERENCIALIDADE:
UMA ABORDAGEM COGNITIVA**

Silvio Cesar Santos (UFRJ)

silvio.cesarsantos@hotmail.com

Maria Lúcia Leitão Almeida (UFRJ)

marialucialeitaofealmeifa@gmail.com

RESUMO

O tema dessa pesquisa se enquadra no âmbito analítico das construções do português brasileiro e toma por objeto de estudo uma construção que se encontra em um nóculo da rede construcional comparativa. A construção comparativa de preferencialidade [Antes só do que mal acompanhado] se caracteriza principalmente por apresentar a semântica comparativa adjungida à informação de preferencialidade muito semelhante à encontrada em provérbios "Pau que dá em Chico dá em Francisco", cuja função discursiva se traduz em uma moral aprendida a partir de um evento, mormente uma pequena narrativa. Todavia, a construção analisada por nós se difere desse tipo de provérbio por não apresentar sua estrutura cristalizada, podendo ter alguns de seus componentes permutados. O aporte teórico utilizado nessa pesquisa consiste principalmente na abordagem construcional de Langacker (2008) e nos esquemas imagéticos. (JOHNSON & LAKOFF, 2002; JOHNSON, 1987)

Palavras-Chave:

Linguística cognitiva. Construção gramatical. Construção comparativa.

1. Apresentação do tema

O tema dessa pesquisa se enquadra no âmbito analítico das construções do português do Brasil e toma, por objeto de estudo, um nóculo que se afasta das comparações prototípicas na rede construcional comparativa. O estudo das construções comparativas no português do Brasil se apresenta bem produtivo, principalmente na corrente teórica funcionalista, mas conta com poucas análises na área da linguística cognitiva.

Como continuidade da análise das construções comparativas superlativas disfêmicas, realizada por Santos (2012), o caminho mais natural seria o aprofundamento de algum conceito em relação às construções citadas, haja vista que o trabalho apresentou apenas um enquadramento das construções sob os conceitos da linguística cognitiva, mostrando-se superficial em alguns aspectos, mas, ao mesmo tempo, proveitoso por ter

indicado caminhos inexplorados em relação às construções comparativas e ao disfemismo.

A construção denominada por comparativa superlativa disfêmica pode causar alguma dificuldade de interpretação, uma vez que comparativo e superlativo são dois graus do adjetivo (cf. BECHARA, 2006, p. 148-149). Tradicionalmente, o grau comparativo é aquele que compara uma ou mais características entre elementos e pode se apresentar com a ideia de igualdade, de superioridade e de inferioridade; enquanto o grau superlativo consiste no destaque dado a determinada característica em relação a outros elementos.

A nossa intenção, quando optamos por essa denominação para construções do tipo:

[Mais por fora que cotovelo de caminhoneiro]

[Mais engordurado que telefone de açougueiro]

[Mais por dentro que biquíni de mulata]

foi indicar que ocorre nessas construções as duas idéias, pois, ao mesmo tempo em que estamos diante de uma comparação entre dois elementos, também ocorre, na construção, uma referência ao mais alto grau que aquela característica pode alcançar. (Cf. FERREIRA, 1987, p. 1338)

A partir desse estudo, pude comprovar a existência de uma construção idiossincrática que não era relacionada nos manuais gramaticais nem nos compêndios estilísticos, uma vez que o enfoque tradicional privilegia a análise de estruturas prototípicas da língua. Pude, também, através dessa análise, comprovar a força expressiva alcançada pelas construções comparativas superlativas disfêmicas e sua semelhança com outras construções comparativas superlativas.

Ao observar o conjunto de construções, pudemos notar como a comparação se estabelece por meio de mecanismos linguísticos que privilegiam a característica figurativa da linguagem, como o uso de metáforas, metonímias, e optamos por denominar esse grupo por construções comparativas figurativas, tais como⁵⁹:

[Apanhou mais que bife de segunda]

⁵⁹ A estrutura das três primeiras construções foi analisada na dissertação de mestrado defendida por Santos (2012, p. 94-99).

[Mais curto que coice de porco]

[Mais arisca que china que não quer dar]

[Melhor prevenir que remediar]

[Antes só do que mal acompanhado]

[Mais vale um pássaro na mão que dois voando]

Assim, pude constatar um subgrupo que apresentava semelhanças em sua configuração sintática e optei por submetê-las ao princípio da não sinonímia (GOLDBERG, 1995, p. 67), para asseverar se eram instâncias de uma mesma construção ou de construções relacionadas por ligações polissêmicas. Surgia assim o objeto de estudo a ser investigado: as construções comparativas preferenciais (CCP).

Embora tenhamos encontrado semelhanças com as construções comparativas superlativas disfêmicas, também pudemos observar que a localização em um nível de graduação elevado não era inerente a essas construções. A partir dessa observação, resolvemos retirar o termo ‘Superlativa’, pois não há uma elevação de grau referente a uma característica em todas as construções. A elevação aqui se refere à escolha que recai sobre o primeiro elemento comparado que figura sempre como a melhor opção entre as disponíveis.

Desse modo, a nomenclatura utilizada não se apresenta como tentativa de reformulação da taxionomia gramatical, mas apenas como uma forma de melhor caracterizar construções que se afastam das comparativas prototípicas. Assim, resolvemos denominá-la por construções comparativas preferenciais.

A construções comparativas preferenciais se caracteriza principalmente por apresentar a semântica comparativa adjungida à informação de preferencialidade muito semelhante à encontrada em provérbios do tipo:

- Pau que dá em Chico dá em Francisco.

em que a função discursiva se traduz em uma moral aprendida a partir de um evento, mormente uma pequena narrativa. Todavia, a construção analisada por nós se difere desse tipo de provérbio por não apresentar sua estrutura cristalizada, podendo ter alguns de seus componentes permutados, conforme os seguintes exemplos:

[Antes um pássaro na mão que dois voando]

[**Melhor** um pássaro na mão que dois voando]

[**Mais vale** um pássaro na mão que dois voando]

Em que os elementos destacados podem intercambiar-se sem prejuízo semântico e, possivelmente, sem haver alguma especialização pragmática para as formas em questão.

Desse modo, iniciamos esta pesquisa com o intuito de acrescentar mais informações e alimentar a rede construcional das construções comparativas do português do Brasil, a partir da caracterização de mais um tipo de construção comparativa.

2. A linguística cognitiva

A linguística cognitiva, doravante linguística cognitiva, mais que a representação de uma ruptura com as correntes precedentes, apresenta-se como agenda investigativa inovadora que não se ocupa somente do aparato linguístico em toda a sua extensão, mas incorpora aos estudos ligados à linguagem outras faculdades humanas e estudos de outras áreas do conhecimento como fulcro de seu arcabouço e não somente como adaptação às correntes de pensamento vigentes.

Antes de comentar sobre o seu surgimento, faz-se necessário observar as contribuições que consubstanciaram o seu nascimento e o seu estabelecimento como ciência linguístico-cognitiva interdisciplinar que prima em alterar as teorias vigentes de forma vigorosa e eficaz em vez de se apresentar como mais um conjunto teórico construído para renomear conceitos antigos.

Todo estudo linguístico tem como preocupação principal o modo como vemos o mundo; pois, a partir desse prisma, ocorre o entrelaçamento entre mundo e linguagem que subjaz à linguística. Os diferentes mundos e as diferentes linguagens irão nortear as diversas análises de diferentes e, às vezes, dos mesmos objetos de investigação, mas os resultados que emergirão serão a prova de que mundo e de que linguagem estamos falando.

Podemos ver o mundo como lugar de ações e interações religiosas, como o fizeram os hindus do século IV a.C. e como o fazem alguns até hoje; como estoque de coisas que existem a partir da nomeação ou de nomes constituídos a partir das coisas do mundo, como fez Platão; ou como lugar de interação onde conhecimentos, sentimentos, sensações e

ações convivem para dar sentido a um mundo cambiante e multifacetado.

A grande ruptura da linguística cognitiva veio justamente com a contestação do modelo de categorização clássica em que uma entidade pertenceria a uma categoria somente se possuísse as condições necessárias e suficientes para ser enquadrada em categorias fechadas e estanques.

Foi Wittgenstein (1994) um dos responsáveis pela proposição de uma categorização mais fluida e compatível com uma realidade que se oprimia e se enquadrava à visão reflexionista aristotélica, que não relacionava o uso dos ‘nomes’ à intenção e às condições em que são proferidos.

Ao afirmar que “o significado de uma palavra é o seu uso na linguagem” (*Ibidem*, p. 39), ele nos insere em seus jogos de linguagem dizendo que os limites nos servem para tornar um conceito utilizável, colocando em xeque a categorização clássica e abrindo espaço para o conceito de semelhanças de família, pois, para ele, o parentesco é tão inegável quanto a diferença. Desse modo, pensar em um mundo compartimentalizado é privilegiar somente as diferenças isoladamente, sem perceber que, em lugares e usos diferentes, essas diferenças podem ser diluídas e até se transformarem em semelhanças.

Podemos constatar a aplicação do conceito dos jogos de linguagem a partir da observação do uso de palavras e expressões cotidianas que, à primeira vista, podem parecer idênticas, mas para determinado grupo de pessoas possuem aplicações diversas. É o caso do grupo de palavras ‘névoa’, ‘neblina’ e ‘nevoeiro’, que parecem ser cambiáveis em qualquer contexto; mas possuem empregos diferentes por meteorologistas e profissionais da aviação, uma vez que cada emprego tem relação direta com a medição em metros da extensão da visibilidade permitida pelo fenômeno climático.

Os questionamentos sobre a categorização clássica foram acolhidos também pela psicologia biológica de Rosch (1976), que otimizou os resultados da antropologia de Berlin e Kay (1969). Apropriando-se do conceito wittgensteiniano de semelhança de família, investigou se a apreensão das cores focais estava na língua ou na cognição pré-linguística.

Ao trabalhar com crianças em idade pré-escolar falantes do Dani, uma língua de Papua, Nova Guiné, Rosch e sua equipe constataram que as cores focais são mais salientes, mais fielmente recuperadas na memó-

ria de curto termo e mais facilmente retidas da memória de longo termo.

Esses resultados mostraram que existem diferentes níveis de organização categorial e abriram caminho para o advento da teoria dos protótipos que defende a formação de categorias em torno de protótipos que funcionam como um ponto de referência cognitiva.

Ao redefinir o conceito de categoria, a partir da observação de um indivíduo mais representativo, o protótipo, e de outros indivíduos que se organizam em torno dele, os membros periféricos, Rosch dá uma nova alternativa à categorização clássica, todavia os questionamentos em torno da noção de prototopia requereram uma maior sofisticação de seu conjunto teórico.

Como a teoria dos protótipos baseou-se em pesquisas com cores, formas, pássaros, frutas, veículos, móveis e armas; ou seja, exemplares perceptíveis a partir de nossos sentidos, algumas questões em relação ao membro mais prototípico de cada categoria se fizeram presentes possivelmente pela metodologia reificada da pesquisadora e, em vez de falar em membro prototípico, o conceito refinou-se e apontou para os efeitos de prototipicidade, que consistem em uma imagem mental que não precisa necessariamente corresponder a um exemplar de uma categoria, mas pode ser compatível com um ou mais de um elemento de uma categoria ou de categorias diferentes e limítrofes.

Esse refinamento na teoria se coadunou ainda mais à teoria de semelhanças de família de Wittgenstein, pois agora não precisamos mais eleger um membro mais representativo de uma categoria, algo que já se apresenta com alguma dificuldade quando nos referimos a categorias como pássaros ou cores e torna-se ainda mais problemático quando precisamos nos referir a categorias de um plano mais abstrato, tais como a relação imbricada que existe entre os sentimentos de tristeza, depressão, melancolia e nostalgia.

A teoria cognitivista fez surgir no cenário linguístico muitos conceitos úteis à análise dos fenômenos da linguagem, tais como os espaços mentais, os modelos cognitivos idealizados, os esquemas imagéticos, a teoria conceptual da metáfora e a teoria da gramática das construções, dentre os quais, apenas o último, por conta do espaço reservado para esse artigo, será explanado a seguir.

3. A gramática das construções

A relação entre uma forma linguística e seu significado é a grande questão das ciências linguísticas e demonstrar, sistematizar e modelar o que se apresenta bem claro para o falante tem sido o grande desafio dos analistas da linguagem durante boa parte da história da humanidade a que temos acesso.

A relação entre o material linguístico e o seu significado se acha como tema secundário de Crátilo (V a. C), pois a verdadeira discussão gira em torno da aquisição de conhecimento de acordo com a relação nome/coisa. Desse modo, o texto nos leva a pensar se o significado e, por conseguinte, o conhecimento emerge das coisas ou se as coisas seriam o produto de nosso conhecimento, uma vez que passariam a existir depois de serem nomeadas.

Nessa visão de correspondência biunívoca, a noção de construção estaria apenas presente se considerássemos a supremacia dos nomes sobre as coisas, mas Sócrates (*Ibidem*, 438) resolve o problema, pelo menos por enquanto, ao indicar que “se procure outras entidades, para além dos nomes, que nos mostrem, sem os nomes, qual dos dois grupos é o verdadeiro (realidade como fluxo ou como permanência), exibindo de forma clara a verdade dos seres”.

O grupo que considera a realidade como fluxo, ou seja, adotam uma cosmovisão que se constitui a partir de um processo dinâmico e mutante, conforme os diversos parâmetros envolvidos em sua constituição; já aquele que considera a realidade como estrutura permanente, privilegia as estruturas conformadas e compartimentalizadas a partir de características e propriedades comuns.

Ir para além dos nomes não é a orientação seguida por todos, mas as tentativas de resolução do problema posto na Antiguidade é o objetivo de todos os linguistas e o êxito será alcançado conforme a corrente linguística e o aporte teórico adotado. Para ilustrar brevemente o panorama construcional, vamos destacar os dois principais modos de representação de uma construção gramatical: o modelo componencial e o modelo construcional.

O princípio da correspondência entre forma e significado está presente em ambos os modelos, mas o modo como essa correspondência é processada deixará emergir o conceito de língua de cada representação. No modelo componencial, os itens lexicais são ligados aos seus signifi-

cados gramaticais e, a cada novo uso, uma nova representação precisa ser utilizada, conforme as representações das construções:

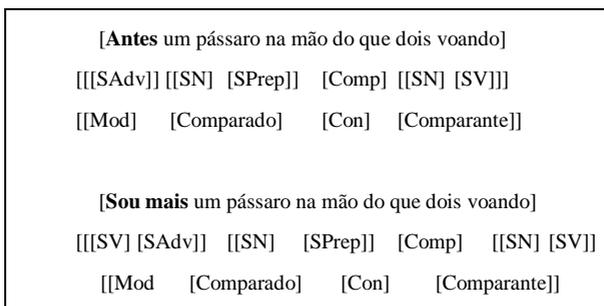


Fig. 1: A Representação Componential

Na representação anterior, podemos observar que duas instanciações de uma mesma construção precisam de uma nova representação a partir da mudança dos itens lexicais destacados, o que torna, assim, a representação componential dispendiosa do ponto de vista analítico. Esse esforço analítico se dá, porque a relação forma/significado ocorre entre as partes componentes e não entre a construção global e seu significado.

A visão construcional, constituída de uma relação simbólica entre forma e conteúdo (CROFT & CRUSE, 2004, p. 260), busca elevar a generalização da análise a partir da simbolização das estruturas que formam a construção e que interagem, juntamente com constructos cognitivos, para que haja a formação do significado e seu entendimento. Na figura seguinte, poderemos ver um modo de representação construcional e, em seguida, contrastá-lo com a abordagem componential:

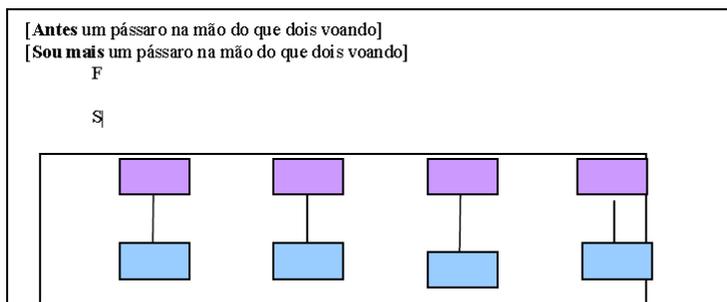


Fig. 2: A Representação Construcional

Comparando as duas representações anteriores, podemos confirmar o poder explanatório e generalizante da abordagem construcional que concebe uma representação única para cada construção, mesmo com a mudança de algum item lexical. Isso se deve à representação simbólica tanto das estruturas quanto das relações que compõem a construção.

Tomar as construções gramaticais em sua dimensão simbólica é uma das características comuns das análises construcionais de viés cognitivista, mas mesmo assim, iremos observar análises que ainda apresentam forte herança componencial.

Considerar a língua como uma rede de construções gramaticais tem sido um propósito bem-sucedido na esteira de investigações da linguística cognitiva. Muitos são os modelos de análise que surgiram nas últimas décadas, como a análise de [THERE], realizada por Lakoff (1987, p. 256), a investigação de [LET ALONE], conduzida por Fillmore, Kay e O'Connor (1988), os estudos sobre a estrutura argumental do Inglês, efetivados por Goldberg (1995; 2002; 2006) e a análise simbólico-construcional de diferentes constituintes gramaticais de Langacker (2008), que vamos explicar brevemente na seção seguinte.

3.1. O modelo de Langacker

Em seu texto precursor, Langacker (1986) lança as bases de sua gramática cognitiva que permanecerá em constante refinamento nos anos seguintes. Nesse artigo introdutório, afirma que a Gramática de uma língua consiste em constructos simbólicos relacionados a domínios cognitivos:

A gramática cognitiva tem uma visão não-padrão da semântica linguística e da estrutura gramatical. O significado é equiparado à conceptualização. As estruturas semânticas são caracterizadas em relação a domínios cognitivos e derivam a sua importância por construir o conteúdo destes domínios em uma especificação. A gramática não é um nível distinto de representação linguística, mas se reduz, em vez disso, a estruturação e simbolização do conteúdo conceptual. Todas as unidades gramaticais são simbólicas: as categorias básicas (por exemplo, substantivo e verbo) são tomadas para serem nocionalmente definíveis e as regras gramaticais são analisadas como unidades simbólicas que são esquemáticas e complexas. Estes conceitos permitem uma reveladora consideração da composição gramatical com notáveis vantagens descritivas. (*Ibidem*,

p. 1)

Ao considerar as estruturas simbólicas como componentes da gramática, Langacker abre caminho para uma análise construcional que, a nosso ver, apresenta-se mais generalizante, explícita e mais detalhada, uma vez que considera a gramática como padrões de sucessivas combinações de estruturas simbólicas, que se organizam em um pólo semântico e um pólo fonético, e que podem se combinar de forma cada vez mais elaborada, formando estruturas que vão da palavra ao discurso. (Cf. LANGAKER, 2008, p. 161)

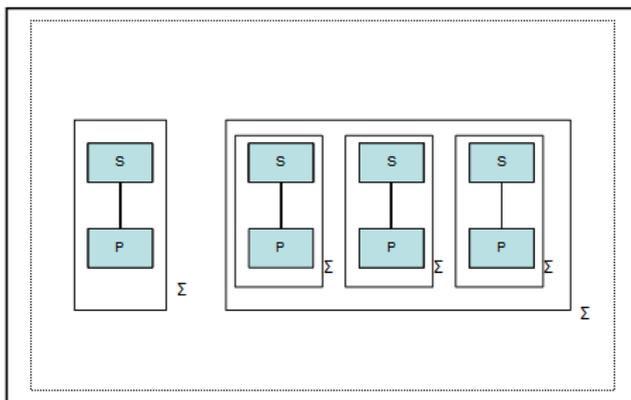


Fig. 3: As estruturas simbólicas

Na figura anterior, podemos perceber a formalização das estruturas simbólicas postuladas por Langacker, em que para cada pólo semântico (S) ocorre um pólo fonológico⁶⁰ (F) correspondente e a cada combinação de duas ou mais estruturas, tem-se uma estrutura mais complexa.

O linguista segue desenvolvendo sua hipótese construcional e nos apresenta os distintos modos de relação entre os pólos semântico e fonológico que podem se apresentar como integração, composição e simbolização, conforme a figura seguinte:

⁶⁰ Ao se referir a pólo fonológico, Langacker não pretende abranger apenas fonemas em sua representação, mas sim estruturas com conteúdo proposicional.

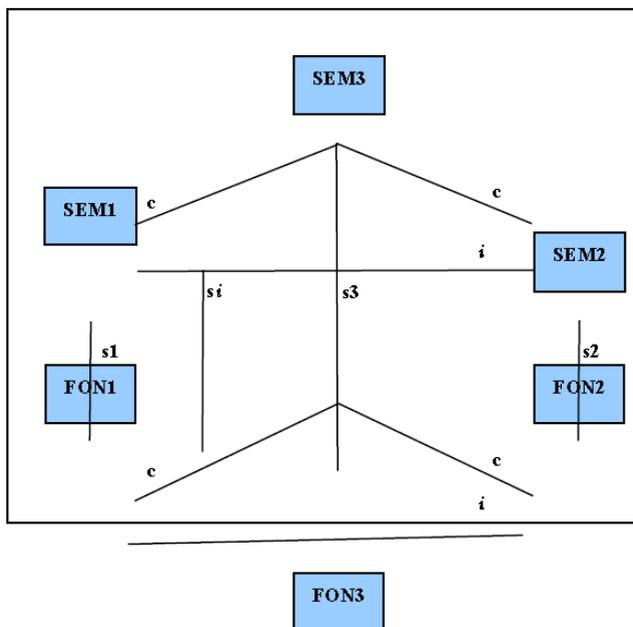


Fig. 4: Simbolização, composição e integração

A relação de simbolização (s1); (s2); (s3), observada na figura anterior, representa a correspondência entre o conteúdo conceitual e a forma fonológica das estruturas componentes e da estrutura composta⁶¹, já a notação indicada por (si) consiste na representação da relação simbólica entre a integração semântica e a integração fonológica das estruturas componentes.

A próxima relação a ser explanada consiste na operação de concatenação de duas ou mais estruturas componentes para formar uma estrutura composta, denominada por composição (c). De forma aparentemente simples, a composição não se resume apenas à justaposição de estruturas componentes, como na construção [amigos], em que podemos observar, pelo menos, duas estruturas: a construção lexical [amigo] e a construção flexional [s].

⁶¹ Vale ressaltar que estrutura composta, sob a ótica cognitivo-construcional langkeriana, diz respeito a qualquer construção formada a partir de duas construções menores e não necessariamente indivisíveis.

A relação de composição pode também representar construções não-prototípicas, como [paidraço] ou [paitrocínio]⁶², em que as estruturas componentes parecem não estar bem delimitadas, indo de encontro aos casos prototípicos de composição e de derivação.

A integração (i) consiste na natureza dos diferentes modos possíveis de combinação das estruturas componentes, que vão desde a adjunção de construções flexionais a construções lexicais, como no caso da construção [amigos], até processos que envolvem mesclas conceituais e projeções interdominiais, como no caso de [paidraço] e [paitrocínio]. Todavia, também pode ocorrer algo não esperado, quando a integração não é bem-sucedida, e, assim, teremos a agramaticalidade, ou seja, poderá ocorrer uma incompatibilidade na integração dos pólos semânticos das estruturas componentes que acarretará o não aceitação no pólo fonológico.

Mais de uma década após o seu artigo seminal e de seus estudos basilares (1986; 1987; 1991), Langacker (2008) estabelece sua Gramática Cognitiva reunindo estudos sobre a relação entre significado linguístico, cognição e corporificação humana e resume seu viés investigativo ao afirma que:

embora seja um fenômeno mental, a conceptualização é baseada na realidade física: consiste em uma atividade cerebral, que funciona como parte do corpo, que funciona como parte do mundo. O significado linguístico também é baseado na interação social, sendo negociado por interlocutores que tem por base a avaliação mútua de seus conhecimentos, pensamentos e intenções. (*Ibidem*, p. 6)

Dessa forma, Langacker explicita o cerne da agenda investigativa cognitiva que, antes de se dedicar apenas ao material linguístico, conjuga esforços advindos de outros campos do conhecimento científico, sobremaneira das ciências humanas, para dar conta de uma análise mais acurada e sistematizada, não só para os fenômenos cristalizados e estabilizados da língua, mas também para as ocorrências idiossincráticas e marginais.

3.1.1. Questionamentos sobre o modelo langackeriano

Ao afirmar que a Gramática de uma língua é inerentemente sim-

⁶² A segunda estrutura componente, chamada de *spliters* (GONÇALVES, 2011: 71), é amplamente analisada pelo Núcleo de Estudos Morfossemânticos do Português – NEMP.

bólica e ao postular uma estrutura simbólica que possui uma relação também simbólica entre seus componentes estruturantes, Langacker (2008) trilha em seu estudo uma rotina de representações gráficas que, algumas vezes, parece carecer de uma explanação mais detalhada e deixa isso claro em alguns pontos, prevenindo que

os diagramas devem, contudo, ser usados com cuidado, por eles serem tão enganosos como informativos: como qualquer outra notação, eles tanto omitem quanto revelam e eles são parciais, se não distorcidos. É aconselhável ter consciência de suas limitações. (*Ibidem*, p. 12)

Essa parcialidade, acreditamos, deve-se à própria natureza multifacetada do fenômeno linguístico e a impossibilidade de reunir de forma pedagógica e sinótica a variada gama de processos linguísticos, cognitivos, físicos, históricos e sociais, indispensáveis a uma perspicaz análise linguística.

Outro questionamento em torno do modelo construcional postulado por Langacker consiste na definição sobre o que pode figurar no pólo fonológico das estruturas componentes e das estruturas compostas, uma vez que o linguista nos leva a entender que o pólo fonológico abriga construções que vão da palavra ao discurso e, além disso, afirma que

Um morfema é definido como uma expressão cuja complexidade simbólica é zero, ou seja, não é totalmente analisável em componentes simbólicos menores. Um morfema pode ser pensado como um conglomerado simbólico degenerado compreendido somente para uma simples relação simbólica. (LANGACKER, 2008, p. 16)

Ao designar a relação simbólica como função do morfema, acreditamos que o linguista (cf. GOLDBERG, 2006) pretere o morfema, pois essa construção não representa um significado nocional, ou seja, não possui a função designativa de um substantivo nem a função relacional de um verbo. Além disso, não concordamos com a afirmação sobre a complexidade zero do morfema, uma vez que acreditamos que o morfema se apresenta como um constructo de valor funcional que emerge a partir de suas relações com outras estruturas, sejam elas componentes, no caso de construções vocabulares, sejam elas compostas, no caso de conjuntos simbólicos mais complexos.

Levamos em consideração e refletimos sobre as admoestações de Langacker e percebemos que as possíveis falhas apontadas pela linguística em seu modelo construcional se configuram como ponto positivo, pois, ao estabelecer as relações entre os domínios cognitivos e as estruturas semânticas, ele nos apresenta uma gama de possibilidades de configu-

rações que podem se conformar a diferentes padrões sintáticos, morfológicos, fonológicos e prosódicos.

Se considerarmos o pólo semântico das estruturas componentes como representantes de domínios cognitivos de diversas ordens, o caráter generalizante cresce em relação a outros modelos que privilegiam a estrutura argumental e a valência verbal.

Quando o linguista nos informa sobre a necessidade de cautela e na insuficiência das representações, ele também nos licencia para detalhar as relações de composição, integração e simbolização existentes entre as estruturas componentes. Dessa forma, elegemos o modelo construcional langackeriano como o ideal para a análise de nosso objeto de estudo, pela sua amplitude analítica e pela estreita relação guardada entre as estruturas semânticas e os domínios cognitivos.

4. Análise da construção

Como a pesquisa ainda está em desenvolvimento, resolvemos apresentar, nesse estudo, uma análise preliminar da estrutura composta, focalizando, ainda de forma parcial, a primeira estrutura componente, denominada aqui por modificador preferencial.

Em seguida, exploraremos o conceito de perfilamento para tentar mostrar a contribuição semântica da primeira estrutura componente sobre a construção global, tomando a instanciação [Antes só do que mal acompanhado] para análise.

4.1. O modificador preferencial

Em sua gramática cognitiva, Langacker (2008, p. 192-195) nos ensina que uma categoria gramatical é determinada pela natureza de seu perfilamento, que consiste em uma estrutura que está sendo colocada em foco. Nas construções anteriores, a construção [antes] perfila, ou melhor, seleciona a proposição informacional à sua direita.

Provando o caráter imagético e dinâmico da língua, podemos caracterizar a construção [antes] como o trajector da relação de preferencialidade, e a proposição comparativa como marco, pois se encontra em um foco secundário, conforme a figura seguinte:

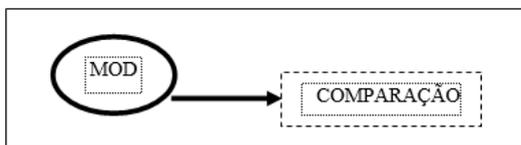


Fig. 5: Perfilamento do modificador preferencial

Com a representação anterior, temos uma das relações de composição existentes na construção comparativa de preferencialidade. A estrutura componente possui, em seu pólo semântico, a noção de preferencialidade, representado, no pólo fonológico por um modificador (MOD) coadunando-se à estrutura composta comparativa. Pode-se notar também como o modificador das construções comparativas preferenciais perfila, além da construção comparativa, a relação que existe entre as estruturas. Essa relação de composição entre a estrutura componente modificadora e a estrutura composta comparativa pode ser observada em todas as instâncias das construções comparativas preferenciais, tornando, assim, a representação com um grau máximo de generalização.

Embora tenhamos demonstrado como a estrutura componente modificadora perfila a estrutura composta comparativa, ainda não explicamos como a construção temporal prototípica [antes] assume a semântica de preferencialidade nas construções comparativas preferenciais.

Mais uma vez, vamos recorrer ao aspecto imagético da linguagem e, dessa vez, utilizaremos o um dos conceitos mais básicos do arcabouço teórico da linguística cognitiva: os esquemas imagéticos, que, mesmo sem possuir conteúdo proposicional, apresenta-se como fulcro conceptual para a apreensão de significados do cotidiano humano.

Mesmo não contando com conteúdo proposicional, os esquemas imagéticos são a base para protótipos cognitivos presentes em diversas comunidades linguísticas e, dependendo de sua apreensão, presentes em toda a humanidade. Como exemplo, podemos observar a construção analisada por Santos (2012, p. 16):

[Estava mais por fora que cotovelo de caminhoneiro]

Na construção anterior, podemos observar que a construção [**por fora**], adicionada às demais estruturas componentes, forma um complexo semântico que se ancora em um sentido que indica que algo como: “sem conhecimento, sem notícia; ignorando (algo)” (HOUAISS, 2001), que, relacionada à imagem de um motorista de caminhão ao volante, suscita

uma derivação de sentido a partir da experiência espacial básica.

Esse exemplo é baseado no esquema do *container*, que considera o corpo humano como o continente e as ideias, pensamentos e emoções como conteúdos. Dessa forma, temos aqui um esquema que se impõe a várias comunidades linguísticas, uma vez que temos o mesmo esquema como a base cognitivas de expressões equivalentes que se utilizam do mesmo esquema, como:

[I have no idea]⁶³

[Mais perdido que turco em La neblina]⁶⁴

Uma das características da linguística cognitiva é conjugar esforços não somente de campos científicos diversos, mas também reunir de forma concorrente e complementar conceitos diversos para uma análise que se propõe o mais abrangente e eficaz possível.

Assim, para efetuar a análise da estrutura componente que corresponde, no pólo semântico, ao modificador preferencial, e, no pólo fonológico, às construções [ANTES]; [MELHOR] E [PRIMEIRO], vamos conjugar dois conceitos: a metáfora conceptual e os esquemas imagéticos.

Observando, mais uma vez as construções:

[Antes tarde do que nunca]

[Antes só do que mal acompanhado]

[Antes ele do que eu]

Podemos verificar que o modificador preferencial pode ser modificado sem nenhum prejuízo no significado pelas seguintes construções:

[Melhor tarde do que nunca]

[Melhor só do que mal acompanhado]

[Melhor ele do que eu]

As duas estruturas componentes em destaque fazem parte de um conjunto cognitivo metafórico conhecido por metáfora orientacional, que

⁶³ Eu não tenho ideia.

⁶⁴ Turco se perde na neblina porque, em algumas línguas hispânicas, turco é sinônimo de ébrio.

consiste em um subconjunto das metáforas conceptuais (JOHNSON & LAKOFF, 2002, p. 45). As metáforas, segundo a linguística cognitiva, que não faz distinção entre denotação e conotação, são utilizadas em nosso cotidiano para que possamos entender e explicar conceitos, que seriam muito abstratos, através de ideias concretas. Dessa forma, construções como:

[Gastei meu tempo com você]

[Não consigo sair dessa relação]

concebem, mesmo que não percebamos, ideias abstratas, como tempo e relacionamento amoroso, em termos de conceitos concretos como algo que pode ser quantificado, ou como algo que contém um envólucro. Essas relações podem ser representadas pelas metáforas "Tempo é recurso" e "Relacionamento amoroso é um container".

De modo análogo, podemos perceber que, em nossa cultura, quem chega antes ou termina alguma tarefa em primeiro lugar, prototipicamente, tem um benefício ou um reconhecimento da comunidade. Podemos verificar esse fato em competições esportivas ou em ambientes de produção.

5. Conclusões preliminares

Tentamos demonstrar nesse estudo a importância de uma análise construcional de expressões idiomáticas que normalmente são preteridas pelas análises gramaticais tradicionais e como a linguística cognitiva fornece um rico aporte teórico que consegue, de forma eficaz e generalizante, dar conta de construções linguísticas que possuem uma complexa interação semântica.

Nesse estudo, demonstramos apenas a análise preliminar de uma estrutura componente que compõe a construção comparativa de preferencialidade, mas acreditamos que o caráter figurativo e imagético da linguagem ficou claro a partir dos conceitos utilizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. 11. reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions: a new theoretical approach to language*. Trends in Cognitive Sciences, 7(5), 219-224. 2003

_____; CASENHISER, Devin. *English Constructions*. Disponível em: <<http://www.princeton.edu/~adele/English%20Constructions.rtf>>. Acesso em março/2015

JOHNSON, Mark. *The body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987. [E-BOOK]

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987. (e-book)

_____; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução de Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

SANTOS, Silvio César. *As construções comparativas superlativas difêmicas*. Dissertação de Mestrado. UFRJ, 2012.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. 2. ed. Trad.: Marcos G. Montagnoli. Petrópolis: Vozes, 1994.